

Cidade Néon

Cidade Néon

Caliel Alves

Edição 1ª edição

Livrorama

2016

© Caliel Alves

Todos os direitos reservados a Caliel Alves

Produção editorial Caliel Alves

Imagem de capa extraída do Pixabay

Autoria de imagem Rajesh Misra

Dedico esse livro aos mestres dos romances policiais.

Agradeço a todos que acreditam em meu trabalho.

Índice

Brilhando como uma vadia	11
O azarão	16
Aposta errada	27
Sem direito a aum advogado	31
Femme fatale.....	38
A cena do crime.....	45
Linhas de investigação.....	56
Teoria do quebra-cabeça.....	63
Sob as luzes pulsantes.....	78
Reminiscências dedutivas.....	88
Duas cabeças pensam melhor que uma.....	97
Visão geral.....	109
Olhos de led.....	117
Revelações difusas.....	129

Prisioneiro do seu desejo.....138

Links de páginas do autor.....140

BRILHANDO COMO UMA VADIA

NÃO SEI quem foi o contista que disse isso, mas realmente, uma cidade a noite parece uma vadia trajando luxúria. Se for uma metrópole então nem se fala! As luzes brilham provocando os seus sentidos, te seduzindo.

Ascendi um cigarro enquanto meu *aeromóvel* trepidava contra o vento. A *aerovia* estava movimentada demais para o meu gosto. Mas não podia reclamar, eu seguia o caminho da fortuna. A poucos quilômetros à minha frente, estava a “capital nacional do pecado”, como era cariosamente chamada.

Os que saíam daquela *terra de comedores de lótus* voltavam mortos ou loucos. O tráfego de aeromóveis indo e vindo causava um torpor estroboscópico aos meus olhos. Minhas vistas podiam estar cansadas, mas meu espírito não. Quando Maria morreu, ela me pediu uma única coisa: “Divirta-se”.

Eu não sei como poderia fazer isso depois de me aposentar e ficar viúvo, dois males para um homem como eu.

Com uma casa espaçosa e vazia, o peso da idade me dobrou ao meio e com a péssima programação da NETV, resolvi seguir o conselho da minha falecida esposa.

Uma fina garoa recaiu encima do capô do meu aeromóvel. Liguei os limpadores do pára-brisa, preferia os mecânicos, os novos com tecnologia de jato térmico embaçam o vidro.

O som dos limpadores cortou o barulho da chuva fina e teimosa caindo do céu por nuvens nubladas. Assim como em sua antiga encarnação, essa cidade do Sudeste era famosa pelas suas chuvas torrenciais. A diferença é que agora dutos de drenagem levavam as águas pluviais para grandes reservatórios, eliminando uma futura crise hídrica como as acontecidas no início do século.

Uma grande quantidade de veículos formava uma fila indiana para avançar, o problema com o trânsito continuava. Tamborilei no painel esperando novamente acelerar os pedais.

Um grande caminhão a minha frente indicava que não sairia dali tão cedo, mudei de aerovia, descendo o veículo e passando

por debaixo dele. Os propulsores eletromagnéticos iluminaram o interior do meu aeromóvel pelo teto solar.

Depois de algum tempo, o gargalo se desfez e pude avançar.

Um grande letreiro em tela de cristal líquido indicava onde eu finalmente tinha chegado:

Você chegou a Cidade Néon

Seja Bem-vindo!

Não me impressionei muito com o portal da cidade, *Essa é aquela famosa cidade que mastiga os sonhos dos homens juntos com os seus sacos?* Pensei ironizando. Acelerei e entrei numa verdadeira *auto-estrada do inferno*.

A cidade parecia um labirinto de merchandising e propagandas holográficas.

A cada momento uma imagem saltava a minha frente pedindo para que eu comprasse, usasse e vendesse algo ou alguém.

Aquele era o tipo de lugar que eu odiava só de ouvir falar, odiava mais ainda ter que adentrar num local como aquele.

Os prédios agora alcançavam as nuvens, os chamados *arranha-estrelas*. Devido à falta de terras, ocorreu uma verticalização das cidades. Agora bairros e até cidades inteiras constituíam um único prédio. Quanto mais nobre o bairro e mais rica a cidade, mais elevado é o arranha-estrelas. Elevadores faziam o transporte entre os andares e também com outros edifícios.

O meu destino ficava no centro da megalópole. Não tinha ido a Cidade Néon para fazer negócios, nem me divertir, pretendia esquecer toda a minha dor reprimida. Se eu tivesse tido um filho com Maria, com certeza o teria levado para uma excursão *as últimas reservas naturais do mundo*.

Mas não, estava como iniciei minha vida: sozinho, melancólico e sedento de prazer. Há cinco anos eu não sabia o que era uma companhia. Como os remédios pioravam a minha situação, os joguei no sanitário e dei descarga. Minha iniciativa privada deu certo, mas ainda faltava sair da minha concha. Arrumei uma pequena mala, peguei o dinheiro da poupança e abri a porta de casa.

Dei uma última olhada para trás, sabia que não iria voltar.

Tirei o pó do meu velho aeromóvel e dirigi cerca de oito horas seguidas até a cidade que fazia os sonhos e pesadelos virarem realidade. Fiz todo um roteiro para quando eu chegasse ao meu hotel-cassino, apostaria algumas fichas e... Acabei perdendo o jogo.